

Armando Quintas, Carlos Filipe, Ricardo Hipólito  
CECHAP, Vila Viçosa

### RESUMO

A região que integra os concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa é uma das mais antigas e produtivas superfícies de extracção de mármore. Para além da actividade industrial, surge um novo desafio de âmbito turístico ou cultural. Utilizar o produto endógeno – mármore, como recurso turístico, tendo em vista o enriquecimento cultural e o desenvolvimento sustentável da região. Esta comunicação tem como objectivo espelhar as concepções nas quais se apoia o estudo para a implementação de um produto turístico denominado Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz.

**Palavras chave:** Mármore, Turismo Industrial e Cultural, Rota do Mármore, Anticlinal de Estremoz, Borba, Estremoz, Vila Viçosa.

### ABSTRACT

The area of the districts of Estremoz, Borba, and Vila Viçosa is one of the oldest and most productive surfaces of marble extraction of our country. Falls in the geological phenomenon known as Anticlinal de Estremoz and its social and also economical relevance is very important for the region. It created personal and social memories over time, which will be difficult to reconstruct today. But we are still in time to rescue the experiences of past generations who worked in the quarries, be they entrepreneurs, technical, or simple workers.

This is a new challenge for our time: to safeguard, study, and maintenance of this heritage so it can be used as a tourist resort, with a view to cultural enrichment and sustainable development of the region. Pooling together artistic, technical, cultural, economic, and historical values thus becomes a privileged support to the new features of heritage - tourism activity with strong cultural connotation.

Indeed, tourism is now a cross-cutting activity that provides a variety of opportunities for economic development, social cohesion, and cultural enrichment of local communities and those who visit it. This communication aims to present the concepts on which the study to implement an industrial and cultural tourism product called Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz is based.

**Keywords:** Marble, Industrial and Cultural Tourism, Marble Route, Anticlinal de Estremoz, Borba, Estremoz, Vila Viçosa.

### INTRODUÇÃO

Embora a lavra das pedreiras recue ao período romano, desde meados do século xviii que a actividade das pedreiras nos concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa tem uma importância significativa, mantendo-se em laboração até aos dias de hoje. Os mestres canteiros deixaram uma obra inigualável na arte portuguesa de esculpir o mármore, hoje visível na arquitectura e escultura das igrejas, conventos, fontanários, palácios e casas senhoriais, arte funerária e noutras utilizações públicas.

A história económica e social dos três concelhos, em particular a de Vila Viçosa, durante o século xx, está indelevelmente ligada à indústria da extracção e transformação do mármore. A importância do sector, desde os anos 20 do século passado até hoje, contribuiu para alterações significativas ao nível económico, social, político e cultural na região.

Todavia, há que reconhecer, que a montante e a jusante da indústria dos mármore outras actividades industriais subsidiárias se constituíram, prosperaram e, algumas continuam a ser produtivas.

A região do Alentejo é a principal geradora de rochas ornamentais a nível nacional, destacando-se especialmente a área enquadrada pelo fenómeno geológico do Anticlinal de Estremoz. Deste modo, os concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa ocupam um papel importante ao nível da extracção e transformação de mármore, concentrando

do-se no último cerca de 80% da actividade.

A designada Zona dos Mármoreos situa-se numa sub-região do Alentejo (concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa) onde se reúnem pontos de interesse e riquezas patrimoniais de diversas áreas, que é necessário valorizar para que um projecto desta natureza possa ter sucesso. A integração dos vários patrimónios (Cultural, Histórico, Geológico, Arquitectónico, Gastronómico, Natural, entre outros) deve ser o principal motor para potencializar a região como produto turístico.

Vivemos numa época de novos e aliciantes desafios para a musealização e patrimonialização, onde se procura aumentar as práticas culturais e patrimoniais dos cidadãos, motivando-os à fruição e criação cultural, acções essenciais para atingir tais objetivos.

A actividade industrial de extracção e transformação das rochas calcárias e cristalinas em Portugal, particularmente a desenvolvida na Zona dos Mármoreos, não tem merecido, até à data, a devida atenção por parte dos Estudos sobre o Património, da História e das Ciências Sociais. Apesar de as áreas de investigação ligadas à Arqueologia Industrial, ao Património, à História Económica ou mesmo à História da Arte se terem desenvolvido de forma significativa nas últimas décadas, são muito escassas as referências ao mármore e à sua indústria. A temática é abordada de forma superficial, mesmo em alguns estudos de âmbito local, e nem sempre com rigor académico. Pelo contrário, são muitos os estudos e relatórios técnicos elaborados sobre a extracção, a indústria e o impacto económico dos mármoreos, recuando em alguns casos até finais do século XIX, mas com uma concentração particular entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980. Desde essa data até ao presente, com a excepção de trabalhos de âmbito geológico ou ligados genericamente ao estudo das indústrias, nada tem sido desenvolvido que possibilite retirar o património e a história da indústria dos mármoreos da quase obscuridade.

Uma das consequências que antecipou a realização do estudo aprofundado sobre a indústria local foi a falta de fontes documentais, muito dispersas nos mais variados organismos. Daí se ter iniciado o projecto de construção de uma Rota paralelamente ao trabalho de inventário de fontes documentais, cujo propósito é reunir elementos que nos levem à construção da História da Indústria dos Mármoreos.

Anticlinal de Estremoz

583

O Anticlinal de Estremoz está delimitado à zona geográfica que se estende pelos concelhos de Alandroal, Borba, Estremoz, Sousel e Vila Viçosa e circunscreve-se a um fenómeno geológico. Foi neste fenómeno que se formaram as jazidas de mármore que fazem desta região, em geral, e do mármore, em particular, elementos de grande destaque. (vide Fig. 1).



**Fig. 1** - Pedreira de mármore Ruivina – S. Tiago Rio de Moinhos, Borba, 2014.

Acontece que, por acção de forças tectónicas, todos estes sedimentos foram transformados e deformados, originando, respectivamente, rochas metamórficas e dobras na crosta terrestre, fazendo com que as rochas que se encontravam umas sobre as outras passassem a estar lado a lado.

As estruturas geológicas geometricamente simétricas, em que a convexidade está voltada para cima, designam-se antiformas. Se no núcleo dessas estruturas estiverem as rochas mais antigas, então a estrutura em antiforma será também um Anticlinal, como é o caso que estamos a estudar.

No anticlinal de Estremoz, admitimos uma variação diacrónica dos regimes de deformação que ocorre à medida que as rochas são exumadas por erosão dos níveis mais superficiais. Ao mesmo tempo que as rochas são comprimidas segundo a direcção nordeste-sudoeste, também sofrem um movimento lateral esquerdo importante; este mecanismo, conhecido por transpressão, poderá ser facilmente explicado pela convergência oblíqua entre a Zona de Ossa-Morena e a zona Centro-Ibérica. [...]»<sup>1</sup>

## HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO DO MÁRMORE

A história dos mármore alentejanos não é tão só a história de uma rocha. É a história dos homens e das suas vidas, é a história de uma cultura e de uma civilização, de uma comunidade e da sua relação com a pedra, dos hábitos da forma produtiva, do génio criador, da arte e dos artefactos. O mármore alentejano desfrutou, desde os alvares dos tempos históricos, de um extenso e variado campo de aplicações, da escultura à arquitectura, do revestimento de pavimentos e paramentos ao mobiliário urbano e doméstico. [vide, Fig. 2].



Fig. 2 - Pedreira de mármore – Alagoa, Bencatel, Vila Viçosa, 2012.

Dos povos que sucessivamente se foram instalando na área que primitivamente ocupou o termo de Estremoz, foi na verdade o romano que nos deixou, pelos testemunhos que ainda hoje podemos apreciar, o mais variado aproveitamento marmóreo.

No museu de arqueologia da Fundação da Casa de Bragança, instalado no castelo de Vila Viçosa<sup>2</sup>, encontram-se diversos exemplos recolhidos em Pardais e Bencatel (freguesias de Vila Viçosa) e noutros lugares do Sul do país de vestígios abandonados da intensa actividade de lavra das pedreiras: blocos talhados, esboços de sarcófagos, de fustes e capitéis.

Desde os tempos da Lusitânia até à presença romana, os mármore desta região foram utilizados na construção dos grandes templos, como se verifica nos templos de culto do Endovélico, no concelho de Alandroal, e Prosérpina, no concelho de Vila Viçosa, respectivamente hoje local das capelas de S. Miguel da Mota e S. Tiago Maior.<sup>3</sup> Através de documentação escrita, nomeadamente inventários dos bens imóveis dos bispos e do cabido da Sé de Évora, sabemos que, desde o tempo do bispo de Évora D. Durando Pais<sup>4</sup>, no século XIII, o cabido possuía perto de Bencatel um memorial de onde deveria proceder a pedra para a fábrica do novo templo em edificação.

É no apogeu do período do Renascimento que novas e diferentes rochas proporcionam um rompimento entre o mundo antigo e o novo, no que diz respeito às pedras naturais. Só mais tarde, porém, decorrido o movimento da Renascença, com a edificação dos grandes templos e palácios dispersos pelo país, é que se intensificou a lavra

<sup>1</sup> Luís Lopes, "O triângulo do mármore – Estudo Geológico", in revista *Monumentos*, n.º 27, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Textype, Artes Gráficas, Lisboa, 2007, pp. 158-167.

<sup>2</sup> Jeannette U. Smit Nolen – Roteiro – *Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa*, Fundação Casa de Bragança, A. Coelho Dias SA, Massarelos, Caxias, 2004.

<sup>3</sup> Cfr. Joaquim José da Rocha Espanca, *Compêndio de notícias de Vila Viçosa, concelho da Província do Alentejo e Reino de Portugal*, Tipografia Francisco Paulo Oliveira de Carvalho, Redondo, 1892, pp. 86-91.

<sup>4</sup> Cfr. Joaquim José da Rocha Espanca, *Idem*.

das pedreiras, espalhando-se por toda a parte a fama dos mármore alentejanos.

No século XVI, Filipe II de Espanha mandou construir o sumptuoso mosteiro do Escorial (1563-1584). Utilizados os mais finos e variados mármore do mundo, para ali foram também levados os do Alentejo, segundo afirma o cronista Frei Henrique de Santo António, autor da Crónica dos Eremitas da Serra d'Ossa: «[...] as minas dos jaspes excedem no fino na multidão a todas as do mundo; porque nem as célebres da Itália lhes fazem vantagem» e confirma o autor do *Portugal Restaurado*, D. Luís de Meneses»<sup>5</sup>.

Ainda no século XVII, são reconhecidos mestres de cantaria, naturais de Vila Viçosa, Agostinho Nunes, Manuel Pires e Manuel Rodrigues, que realizam a empreitada de construção da fonte da alameda de Elvas no ano de 1628<sup>6</sup>.

Em Portugal, no século XVIII, com a profusão do Barroco, os mármore alentejanos tiveram larga aplicação na arquitectura religiosa e palaciana. Poucas são as igrejas e edifícios nobres do país construídos naquele período que não foram adornados com eles, constituindo verdadeiras obras de arte. A capela-mor da Sé de Évora, projectada pelo arquitecto João Frederico Ludovice a partir de 1718, merece, a este respeito, uma referência especial, pela extraordinária imponência das suas colunas e painéis, de lindos bardilhos extraídos das pedreiras da Vigária e Montes Claros<sup>7</sup>.

A partir do século XVIII, a lavra das pedreiras atingiu um ritmo considerável, abastecendo as oficinas de canteiro que, em grande número, operavam no Sul do país. Eram bem visíveis, no início do século XX, os vestígios dessa longa e activa exploração. No concelho de Vila Viçosa existia uma enorme pedreira no século XVIII, donde devem ter saído alguns dos famosos bardilhos destinados à construção da capela-mor da Sé de Évora, visto ser reconhecida vulgarmente por «*pedreira da Sé*»<sup>8</sup>, próximo da herdade da Vigária, actual freguesia de Bencatel, Vila Viçosa.

Na segunda metade do século XIX, a oficina de canteiro recebe uma nova encomenda destinada à arte funerária. A abertura dos cemitérios públicos ou municipais, no último quartel do século, vai acolher a construção de pequenas capelas e jazigos familiares, dinamismo que se manterá ao longo do século XX.

Uma tentativa de industrialização ocorreu por volta de 1918, através da fundação da Sociedade dos Mármore e Barros de Estremoz e Borba, com a exploração de um jazigo situado a Sul de Estremoz, junto à linha férrea Estremoz-Borba.

Foi nesta sociedade que a inovação da utilização do fio helicoidal foi experimentada pela primeira vez, graças ao engenheiro Lisboa de Lima, director-técnico da empresa. Mas a iniciativa não iria vingar, o que fez com que a empresa encerrasse por volta de 1922, convencidos os seus responsáveis que aquela inovação não se adaptava ao tipo de pedra da região<sup>9</sup>.

A indústria das pedreiras utilizou, até 1929, mão-de-obra sem qualquer recurso a maquinaria a vapor ou outra tecnologia. O trabalho era feito a braço em todo o processo de extracção. Todavia, a utilização da pá, da picareta, do marrão e da alavanca eram indispensáveis para a pesquisa dos bancos de mármore, pois só assim se poderia seleccionar os melhores. Os desperdícios das pedreiras eram tirados pelos operários que os levavam às costas em pequenos cestos de vime, os chamados “cabanejos”, para serem descarregados fora da pedreira. A utilização do ar comprimido nas pedreiras foi iniciada em 1930. Como os motores eram alimentados a gasolina, o preço da exploração aumentou. Tendo-se verificado que o trabalho manual era mais barato, regressou-se à mão-de-obra operária que continuou a ser o principal meio de trabalho nas pedreiras, opção socialmente bem-vinda, dadas as dificuldades de emprego que a região atravessava.

Entre várias experiências, constituiu-se a Sociedade Luso-Belga de Mármore que fez uma escola de adaptação aos métodos de exploração de pedreiras usados no estrangeiro, nomeadamente na Bélgica e em França. Foi através dessa sociedade que o Sr. Dehan, técnico belga, veio a Portugal introduzir novas técnicas, até então completamente desconhecidas<sup>10</sup>. (Vide, Fig. 3).

<sup>5</sup> Emídio Amaro, “Riquezas do Alentejo. A exploração dos mármore de Vila Viçosa”, in *Revista Portuguesa*, *Revista Portuguesa*, Vila Viçosa, 1928, pág. s/numeração.

<sup>6</sup> Cfr. Joaquim José da Rocha Espanca, *Memórias de Vila Viçosa*, Cadernos Culturais da Câmara Municipal de Vila Viçosa, n.º 28, Gráfica Calipolense, Vila Viçosa, 1985, p. 116.

<sup>7</sup> Emídio Amaro, *ibidem*.

<sup>8</sup> Emídio Amaro, *ibidem*.

<sup>9</sup> Leopoldo Barreiro Portas, “Evolução da Indústria de Exploração de Pedreiras em Portugal no século XX”, in revista *A Pedra*, n.º 1, Lisboa, 1980.

<sup>10</sup> *Idem*, *ibidem*.





**Fig. 3 (esquerda)** - Pedreira de mármore – Monte d'El Rei, Bencatel, Vila Viçosa, 2013.

**Fig. 4 (direita)** - Pedreira de mármore – Fonte da Moura, Pardais, Vila Viçosa, 2013.

Uma das dificuldades mais sentidas na indústria do mármore, em particular nos concelhos de Borba e Vila Viçosa, era a falta de energia eléctrica. Esta necessidade só no início da década de 60 começou a ser colmatada e com ela surgiu de imediato uma melhor mecanização e modernização dos processos de extracção e de transformação do mármore. Também nas ferramentas e técnicas se verificaram algumas inovações significativas. Além do fio helicoidal, foi introduzido o corte pelas “serradoras de pedra”, designadas pelos franceses de *haveuses-rouilleuses*<sup>11</sup>, do fabricante francês Perrier, no início de 1969.

586 Na segunda metade da década de 60, a produção esteve mais virada para o mercado interno, com o fornecimento à construção civil, em franca expansão, nas principais cidades.

O sector industrial das rochas ornamentais, ao longo século, vai conhecer momentos áureos e momentos de crise, fruto de contingências internas e externas, provocados pelas mais diversas razões. Um dos momentos mais difíceis foram os anos 1973 a 1977. Depois do primeiro choque petrolífero ter passado e, com a abertura da economia portuguesa ao exterior, vai-se verificar a recuperação do mercado externo, que foi evoluindo com a conquista de novos mercados.

As crises vão desde conjunturas económicas internacionais desfavoráveis, conjuntura interna, resistência na aplicação de novas tecnologias por parte dos empresários e/ou pela simples falta de estratégia de promoção e/ou valorização do produto e do marketing a ele associado.

A riqueza dos mármore do Anticlinal de Estremoz continuará a mover o sector independentemente dos períodos de crise e dos períodos de abundância. A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz pretende associar-se ao sector e à região ajudando à divulgação e promoção deste recurso natural. (Vide, Fig. 4).

## METODOLOGIA E ESTRUTURAÇÃO DO PROJECTO

A primeira preocupação foi o estado da arte. A elaboração do trabalho pressupôs uma exaustiva pesquisa e investigação de vários elementos históricos de diversas matérias que separadamente têm importâncias distintas, e que, sobretudo, depois de conjugadas, se tornam imprescindíveis para o sucesso e fundamentação do projecto. Por isso, foi essencial recolher a maior quantidade de dados possível tendo em vista a ambição de construir uma Rota a mais completa, eficaz e dinâmica possível.

Para esse objectivo, a primeira etapa promovida foi a investigação e levantamento da história local dos concelhos abrangidos. Esta abordagem histórica serviu, em primeiro lugar, como exercício de reconhecimento territorial tendo como propósito um conhecimento aprofundado da fundação de cada uma das povoações. Em segundo

<sup>11</sup> *Idem, ibidem.*

lugar, permitiu-nos aclarar a ligação que cada uma das localidades tem com a lavra do mármore, desde quando se estabeleceu essa ligação, em que momentos foram mais ou menos marcante, que vantagens e desvantagens trouxe, de que forma se adaptou ao recurso e vice-versa. Por último, permitiu também identificar, do ponto de vista patrimonial, a evolução histórica dos diferentes patrimónios a integrar a Rota e assim estabelecer uma selecção daqueles que melhor podem representar o projecto.

A segunda etapa consistiu no conhecimento do produto endógeno – o mármore. Quanto ao Anticlinal de Estremoz, foi importante entender que se trata da estrutura geológica que está na origem da formação do mármore da região, formado pela deposição de sedimentos (transportados pelos cursos de água e pela acção dos ventos) e por acções tectónicas ao longo de milhões de anos, e que, sofrendo transformações, deformações e mutações várias, gerou o recurso natural de excepção identificado como cristalino e translúcido.

A terceira etapa foi conhecer a história da indústria do mármore, numa óptica de investigação rigorosa e científica, com recurso aos arquivos, testemunhos orais, monografias e outras fontes de informação.

A quarta etapa foi compreender o papel que a indústria do mármore tem na economia portuguesa, que lugar ocupa no ranking de exportações nacionais. Ao mesmo tempo procurámos saber que estratégia tem o sector para responder aos desafios que se avizinham numa altura em que enfrenta uma profunda crise económica, no contexto dos mercados globais exigentes e de enorme concorrência.

## UMA OFERTA DE TURISMO INDUSTRIAL

É inegável a importância que o mármore representou para a região ao longo dos séculos, seja do ponto de vista socioeconómico ou do ponto de vista patrimonial-cultural. Esta importância é ainda mais significativa no que diz respeito à atividade industrial que ao longo dos tempos foram surgindo e se foram transformando e adaptando de acordo com as oscilações que o sector foi vivendo e, sobretudo, a evolução tecnológica implementada desde meados do século passado. A influência do sector na região faz-nos acreditar que estamos perante um património cuja importância é indispensável salvaguardar.

O aproveitamento turístico deste património não só é desejável como é um dever segundo a lei<sup>12</sup> que prevê a salvaguarda dos elementos de identidade e de herança das comunidades, sendo por isso a reabilitação e revitalização patrimonial actividades cada vez mais especializadas e de elevados custos financeiros. Para que estes elevados custos sejam encarados como um investimento e não como um desperdício, torna-se indispensável que às actividades de recuperação patrimonial se juntem outras centradas em dar utilidade e dinamismo ao património reabilitado.

587

A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz tem como objectivo criar elementos complementares ao seu elemento central – o mármore – que possam ser agentes de valorização da Rota, mas também do sector e da região. O património é mais um meio de educação, não apenas cultural, mas, até certo ponto, cívica e merece por isso toda a atenção da nossa parte. Outros valores que compõem o património (artístico, social, estético, económico ou informativo) são também elementos a valorizar e a potenciar. É esta conjugação de diferentes valores que, a ser devidamente aproveitada, serve de suporte à sustentabilidade turística do património. O turismo é uma actividade transversal e a sua aliança com a cultura gera inúmeras possibilidades e ofertas culturais que serão elementos-chave na viabilidade e sustentabilidade de um projecto como este.

A diversidade dos patrimónios dos três concelhos que compõem a *Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz* é o garante de uma ampla diversidade de ofertas culturais. No entanto, para que estes patrimónios possam afirmar-se como factores decisivos na valorização e diversidade cultural, também eles terão de ser alvo de dinamização e mobilização de recursos para que a qualidade supere a quantidade, motivando um aproveitamento turístico mais eficaz. O que se pretende não é vender património, é antes a sua valorização e dinamização. O aproveitamento, valorização e dinamização patrimoniais são garantias de salvaguarda para as comunidades locais, mas também são actividades geradoras de emprego, de modernização e inovação tecnológica e, sobretudo, de riqueza. O factor mais importante em todo este processo é a criatividade do ponto de vista turístico, isto é, a aplicação de ideias eficazes para a valorização e potencialização do elemento central da Rota – o mármore – e de todos os patrimónios complementares.

Decidida a criação do projecto e analisada a sua pertinência turística, o primeiro passo foi estudar outras rotas.

<sup>12</sup> Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho; Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro.

As rotas e itinerários são uma nova aposta do turismo nos últimos anos e que, à semelhança da Rota que apresentamos, têm a finalidade de valorizar directamente um produto endógeno e as comunidades em que se insere. Este tipo de aposta turístico-cultural é utilizado um pouco por todo o mundo. Portugal já oferece uma grande variedade de rotas, embora ainda longe da oferta internacional e sobretudo longe da qualidade que se desejaria, constatando a total desadequação de um grande número dessas rotas. Como metodologia de estudo e tendo como objectivo principal apreender e compreender que passos seriam os mais assertivos na implementação deste projecto, tivemos a oportunidade de contactar, de forma mais ou menos directa, mais de uma dezena de rotas já estabelecidas, não necessariamente a funcionar, e algumas ainda em projecto. Em qualquer dos casos, foi possível perceber quais os pontos fortes e quais os pontos fracos e assim estabelecer as estratégias a adoptar para não cometermos os erros que tornaram algumas das rotas estudadas em recursos desprovidos de qualquer utilidade, benefício ou elemento de valorização.

Foi depois desta exaustiva análise e tendo sempre em mente todas as preocupações abordadas em cima que nos propusemos construir a *Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz*.

A utilização do património como recurso turístico-cultural, além de contribuir para a sua conservação e preservação, é também um factor importante de educação ambiental e patrimonial. Por isso, os utentes das rotas devem, em primeiro lugar, ser civicamente responsáveis pela conservação do património, devendo respeitar normas de conduta, tais como: seguir pelos trilhos sinalizados; não danificar a flora; não abandonar o lixo; respeitar a propriedade privada; não retirar amostras de rochas sem prévia autorização e respeitar as normas de segurança dadas pelos guias, indicadas nos painéis ou requeridas nos pontos de visita. Só a compreensão e aplicação destas normas básicas de civismo conjugadas com o respeito pelos patrimónios, sejam eles quais forem, permitirá uma correcta fruição, uma melhor aprendizagem e um verdadeiro aumento dos níveis de educação cultural e patrimonial.<sup>13</sup>

A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz oferece várias possibilidades de percursos distintos, uma vez que integra variados patrimónios de diferentes âmbitos. A conjugação desta variedade de património é um dos pontos de valorização e diferenciação da Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz em relação a outros produtos turísticos com nomenclaturas e âmbitos similares. Este é, de resto, um dos aspectos que contribui de forma mais decisiva para o sucesso desta Rota, já que permite ao visitante optar por um percurso criado de acordo com os seus interesses específicos.

Dada a extensão territorial da Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz, esta desdobra-se em três segmentos que coincidem, na generalidade, com os concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. Apesar desta definição concelhia dos três principais percursos, dado que cada um dos três concelhos tem patrimónios ímpares que não devem ser menosprezados, é também possível realizar um percurso geral que inclui os pontos mais interessantes dos três concelhos. Cada percurso terá obrigatoriamente início num dos Centros de Interpretação (um em cada concelho). Estes são locais especializados em áreas diferentes do sector dos mármore (recursos humanos, geologia, museologia) e onde o visitante terá uma primeira abordagem às temáticas da Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz, contacto que o ajudará na selecção/ definição do percurso a seguir. (Vide, Fig. 5)



**Fig. 5** - Fonte pública – Estremoz, 2012.

<sup>13</sup> Liliana Póvoas e César Lopes, “Geoturismo e Museologia”, in *Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social Museu*, Minom – Movimento Internacional para uma nova Museologia, Idanha-a-Nova, 2009, pp. 87-89.



## PERCURSOS

Como exemplo demonstrativo dos variados percursos possíveis de realizar, apresentamos de seguida os três percursos genéricos, englobando cada um deles os pontos de maior interesse.

O Percurso Central (Borba) tem o seu início no Centro de Interpretação CEVALOR (Centro Tecnológico da Pedra Natural de Portugal), cujos objectivos são a formação de recursos humanos qualificados e o aperfeiçoamento e especialização do sector das rochas ornamentais e industriais. Serve a sua integração na Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz para permitir ao visitante um primeiro contacto com o sector, sendo, neste caso, destacada a área da formação e dos recursos humanos, o seu carácter científico, tecnológico e educativo ao mesmo tempo que são enaltecidos valores ambientais, industriais, paisagísticos e culturais.

Neste percurso é proposto ao visitante deambular pela cidade, apreciando o vasto património edificado com aplicações de mármore, com destaque para a utilização na arquitectura. (Vide, Fig. 6).



**Fig. 6** - Fontes das “Bicas” Dona Maria, Borba, 2010.

**Fig. 7** - Igreja dos Congregados do extinto Convento de Nossa Senhora da Conceição da Congregação do Oratório – Estremoz, 2012.

A visita prevê uma passagem por uma escombreira (amontoado de desperdícios de pedra junto à pedreira) que possibilita uma vista panorâmica de várias pedreiras, onde se salienta a vertente paisagística, com destaque para o impacto causado pelas enormes crateras e escombreiras. É ainda possível visitar o único núcleo de fornos de cal ainda em laboração na região segundo um método milenar, na aldeia do Barro Branco.

O Percurso Norte (Estremoz) tem início no Centro de Interpretação Centro Ciência Viva, local onde o visitante é convidado a interagir com diversos elementos de uma exposição permanente cujo objectivo é fazer uma introdução à geologia local, com destaque para o Anticlinal de Estremoz. O Centro de Interpretação Centro Ciência Viva foi integrado na Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz pois é o local ideal para um primeiro contacto com a geologia, uma vez que os conteúdos programáticos apresentados na exposição são adaptáveis às várias faixas etárias, possibilitando a todos uma rápida percepção do que é o Anticlinal de Estremoz.

Este percurso oferece ainda ao visitante uma passagem pelo centro histórico da cidade onde o objectivo de apreciar o património edificado que contém aplicações de mármore e onde se destacam diversos monumentos, casas apalaçadas, conventos e igrejas edifícios militares e outros. O visitante é ainda convidado a visitar o principal núcleo de pedreiras do concelho de Estremoz onde é possível observar as máquinas e técnicas utilizadas na extracção e transformação dos blocos de mármore. (Vide, Figuras 7, 8, 9, 13 e 14).

O Percurso Sul (Vila Viçosa) tem início no Centro de Interpretação Museu do Mármore, local que apresenta uma exposição permanente relacionada com a indústria do mármore e das actividades associadas. O Museu do Mármore apresenta uma componente marcadamente histórica, científica, geológica e tecnológica convidando o visitante a conhecer todo o ciclo operativo que permite a lavra, transformação do recurso natural bruto em produto acabado e comercializado.





**Fig. 8 (esquerda)** - *Idem*, 2012.

**Fig. 9 (direita)** - Porta de Santo António - Estremoz, 2014.

A visita proporcionará a passagem pela vila para contemplação das variadíssimas obras de arte em mármore que se podem encontrar no património edificado calipolense, das quais se destacam o Paço dos Duques de Bragança, casas apalaçadas, conventos e igrejas edifícios públicos e outros. (*Vide*, Figuras 10, 11 e 12). O visitante pode ainda visitar diversos núcleos de pedreiras, serrações de mármore e oficinas de canteiro, destacando-se os lugares da Fonte da Moura, Alagoa e Vigária.



**Fig. 10 (esquerda)** - Igreja de Nossa Senhora da Graça "Agostinhos", Panteão dos duques de Bragança - Vila Viçosa, 2013.

**Fig. 11 (direita)** - Igreja de S. João Evangelista "Colégio dos Jesuítas" - Vila Viçosa, 2012.



**Fig. 12 (esquerda)** - Paço dos duques de Bragança, Terreiro do Paço - Vila Viçosa, 2013.

**Fig. 13 (direita)** - Quinta do Carmo - Estremoz, 2012.



**Fig. 14** - Oficina de canteiro – Estremoz, 2012.

**Nota:** Créditos fotográficos - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património.

## CONCLUSÃO

A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz pretende ser um instrumento de dinamização e promoção turística, cultural e patrimonial da sub-região [Borba-Estremoz-Vila Viçosa] em associação com outros protagonistas, valorizando o recurso natural, mármore, elemento indissociável dessa região. Nesse sentido, é essencial promover o produto endógeno, o mármore, numa visão ampla para além do sector industrial, integrando outros elementos apelativos peculiares, como por exemplo a paisagem, a gastronomia, a monumentalidade dos três concelhos, o artesanato e a memória dos saberes.

Por outro lado, dispendo a sub-região dos mármore de uma crescente afluência turística, é imprescindível aproveitar tal aumento para dotar a região de melhores e mais eficazes propostas de actividades turístico-culturais, sobretudo através de um melhor aproveitamento das infra-estruturas já existentes, salvaguardando e dinamizando as mesmas, de forma a despertar a atenção do turista para novas propostas de lazer, permitindo-lhe a fruição de sensações inéditas e contribuindo dessa forma para um aumento dos níveis de educação cultural e patrimonial.

591

## REFERÊNCIAS

- AMARO, Emídio - "*Riquezas do Alentejo. A exploração dos mármore em Vila Viçosa. Abundância e valor dos mármore - Seu aproveitamento no passado - A exploração de pedreiras na actualidade - Serração e oficinas de canteiro - A Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa - O que poderá ser, no futuro, esta grande riqueza alentejana*", in Revista Portuguesa, Vila Viçosa, 1928.
- ANDRIEUX, Jean-Yves, - *Le Patrimoine Industriel*, Paris, P.U.F., 1992.
- ANSELMO, António Joaquim - *O concelho de Borba [Topographia e História]*, 2.<sup>a</sup> edição da Câmara Municipal de Borba, Associação de Municípios do Distrito de Beja/ Diário do Alentejo, Borba, 1984.
- BABELON, J. P. e CHASTEL, A., - *La nation de patrimoine*, Paris, Liana-Levi, 1994.
- BALLART, Josep, - *El Património Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*, Barcelona, Ed. Ariel, 1997.
- CUSTÓDIO, Jorge, - "*Museologia e Arqueologia Industrial. Estudos*", in *Cadernos de Arqueologia Industrial*, Série I, Estudos, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, Lisboa, 1991.
- ESPANCA, Joaquim da Rocha - *Compêndio de notícias de Vila Viçosa, Concelho da Provincia do Alentejo e Reino de Portugal*, Tipografia Francisco Paulo Oliveira de Carvalho, Redondo, 1892.
- ESPANCA, Túlio - *Inventário Artístico de Portugal VIII*, Évora, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1975, Volume I e II.
- ESPANCA, Túlio - *Inventário Artístico de Portugal IX*, Évora, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1978, Volume I e II.
- FARIA, Bonfilho - *Vila Viçosa a Vila-Museu - Pitoresca Artística Monumental*, Catálogo Monografia Fotográfica, Palácio Foz, 19.09.1964 a 5.10.1964, Projecto e Realização de Bonfilho Faria, Edições SNI, Lisboa, Biblarte Lda., Lisboa, 1964.
- FERNANDES, José Manuel - "*A cidade do mármore*", in *Callipole*, Revista Cultural, n.º 12, Município de Vila Viçosa, Vila Viçosa, 2004.

FILIPPE, Carlos e PESTANA, Manuel Inácio - *Vila Viçosa História Arte e Tradição*, Colibri, Momentos & Eventos Culturais, Vila Viçosa, 2009.

HENRIQUES, António M. Esteves - *Notas sobre a evolução da indústria portuguesa da pedra natural*, Lisboa, 2008.

LOPES, Luís - "O Triângulo do Mármore: Estudo Geológico", in Monumentos, revista semestral de Edifícios e Monumentos, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, 2007.

MENDEIROS, José Filipe - *Património Religioso de Estremoz*, Município de Estremoz, Estremoz, 2001.

MILHEIRO, Nuno - "O mármore como Património Cultural", in Actas do V Congresso Internacional da Pedra Natural, Vila Viçosa, 2003.

MOREIRA, Rafael - "Uma cidade ideal em Mármore: Vila Viçosa, a primeira corte ducal do renascimento português", in Monumentos, revista semestral de Edifícios e Monumentos, n.º 6, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, 1997.

SMIT NOLEN, Jeannette U. - Roteiro - *Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa*, Fundação Casa de Bragança, A. Coelho Dias SA, Massarelos, Caxias, 2004.

PEREIRA, Vítor M. Correia - "Mármore de Estremoz - Vila Viçosa. Contribuição para o seu conhecimento", in A Pedra, n.º 4, Lisboa, 1981.

PORTAS, Eng. Leopoldo Barreiro - "Evolução da Indústria de Exploração de Pedreiras Em Portugal no século XX", in A Pedra, n.º 1, Lisboa, 1980.

RIBEIRO, António Felix - *A Indústria dos Mármore*, Tese apresentada ao 1.º Congresso da União Nacional, realizado em Lisboa de 26 a 28 de Maio de 1934, Oficinas Fernandes, Lisboa, 1934.

ROTA DAS MINAS - *Percursos Pedestres de Idanha-a-Nova* - PR4-IDN - Município de Idanha-a-Nova - 2005.

SIMÕES, João Miguel - *Borba-Património da Vila Branca*, Edição Câmara Municipal de Borba, Borba, 2007.

TINOCO, Alfredo - *Factores de Localização da Indústria* (introdução e textos), AAIRL, Lisboa, 1986.

*Idem* - *Uma Rota de Turismo Mineiro* - A Faixa Piritosa Ibérica, IGM, Beja, 1999.

*Idem* - "Circuitos turísticos e desenvolvimento local", in Sistemas de Informação Geográfica e geológica de Base Regional, IGM, Beja, 1999.

## CURRÍCULO DOS AUTORES

### Armando Quintas

592

Mestre em história das técnicas, património, indústria e paisagens, pelas universidades de Paris I, Universidade de Évora e Universidade de Pádua (Erasmus Mundus TPTI) Sócio e Vogal do CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património com responsabilidades de investigação e organização de eventos. Licenciado em História Ramo Património Cultural, pela Universidade de Évora.

**Contacto:** [aquintas.cechap@gmail.com](mailto:aquintas.cechap@gmail.com)

### Carlos Filipe

Mestrando em História Moderna e Contemporânea, Espacialidade Cidades e Património. Tema de Dissertação: O Património Edificado em Vila Viçosa no Século XVIII: Encomenda, Financiamento e Construção. Pós-graduação em História - especialidade Património e Projectos Culturais. Curso Gestão - especialidade eventos culturais. Membro fundador do Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património, integrado no grupo de investigação de História Moderna e Contemporânea.

**Contacto:** [cfilipe.cechap@gmail.com](mailto:cfilipe.cechap@gmail.com)

### Ricardo Hipólito

Mestrando em História Moderna e Contemporânea, Espacialidade Cidades e Património. Tema de Dissertação: «O Turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX». Sócio-fundador e Presidente do CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património com responsabilidades de investigação e organização de eventos. Licenciado em História Moderna e Contemporânea, pelo ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa.

**Contacto:** [rhipolito.cechap@gmail.com](mailto:rhipolito.cechap@gmail.com)